

# “Vocês me encontram em qualquer lugar”: realizando pesquisa longitudinal com adolescentes em situação de rua

Juliana Prates Santana

*Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil*

Marcela Raffaelli

*University of Illinois Urbana-Champaign, IL, EUA*

Sílvia Helena Koller

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil*

Normanda Araújo de Moraes

*Universidade de Fortaleza, CE, Brasil*

## Resumo

Com o objetivo de aprofundar a pesquisa longitudinal com populações de difícil acesso, este artigo descreve as estratégias metodológicas utilizadas em um estudo longitudinal realizado com 113 crianças e adolescentes em situação de rua em três capitais brasileiras. Além de descrever as diferentes etapas do processo de pesquisa, o artigo detalha as estratégias multimétodos que possibilitaram boa retenção de amostra (72% aos 6 meses e 62% aos 12 meses), bem como a validade dos dados resultantes da inserção ecológica e triangulação de dados. A análise de atrito revelou apenas algumas diferenças entre os adolescentes que foram retidos versus perdidos no seguimento dos indicadores demográficos e psicossociais. O exame das razões para o atrito fornece informações que podem ser usadas em futuras pesquisas de desenvolvimento em contextos atípicos. Por fim, defende-se que uma pesquisa desta natureza pode ter impactos positivos sobre o sistema de proteção de direitos e, conseqüentemente, sobre a rede de proteção dos participantes.

**Palavras-chave:** Adolescente em situação de rua; longitudinal; método.

## “You find me anywhere”: conducting longitudinal research with adolescents in street situation

### Abstract

With the goal of furthering longitudinal research with hard to reach populations, this article describes the methodological strategies used in a longitudinal study conducted with 113 children and adolescents in street situations in three Brazilian capital cities. In addition to describing the different stages of the research process, the article details the multimethod strategies that enabled good sample retention (72% at 6 months and 62% at 12 months), as well as the validity of data resulting from ecological insertion and triangulation of data. Attrition analysis revealed only a few differences between youth who were retained vs. lost to follow-up on demographic and psychosocial indicators. Examination of reasons for attrition provides information that can be used in future research of development in atypical contexts. Finally, it is argued that research of this nature can have positive impacts on the rights protection system and consequently for participants' network of protection.

**Keywords:** homeless youth; longitudinal; method.

## “Ustedes me encuentran en cualquier lugar”: realizando investigación longitudinal con adolescentes en situación de calle

### Resumen

Con el fin de avanzar en la investigación con poblaciones de difícil acceso, en este artículo se describen las estrategias metodológicas utilizadas en un estudio longitudinal de 113 niños/niñas y adolescentes en situación de calle, en tres capitales brasileñas. Además de describir las diferentes etapas del proceso de investigación, el artículo detalla las estrategias multimétodos que viabilizaron una buena retención amostral (72% a los 6 meses y 62% a los 12 meses), bien como la validez de los datos, decorrentes de la inserción ecológica y triangulación de los datos. El análisis de desgaste reveló sólo unas pocas diferencias entre los jóvenes retenidos versus perdidos en el seguimiento de los indicadores demográficos y psicossociales. El examen de las razones del desgaste proporciona información que puede utilizarse en investigaciones futuras de desarrollo en contextos atípicos. Por último, se argumenta que un estudio de esta naturaleza puede tener efectos positivos en el sistema de protección de los derechos y, en consecuencia, sobre la red de protección de los participantes.

**Palabras clave:** adolescentes en situación de calle; longitudinal; método.

O presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir as estratégias metodológicas utilizadas na realização da pesquisa “O impacto da vida na rua em adolescentes: Um estudo longitudinal sobre risco e proteção”, visando ao fornecimento de subsídios para pesquisas longitudinais com populações consideradas de difícil acompanhamento. Teoricamente, as pesquisas longitudinais e sequenciais exercem um papel privilegiado na construção de modelos complexos para compreender os fatores que influenciam o desenvolvimento humano e, por isso, tem havido um esforço em sua utilização nas pesquisas na área (Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF], 2015; Magnusson & Cairns, 2009). Investigações longitudinais são adotadas quando o principal interesse de pesquisa é descrever ou avaliar o desenvolvimento ao longo do tempo (Colin, 1993), verificando-se mudanças e continuidades nas características cognitivas, emocionais e comportamentais das pessoas (Wolke et al., 2009). No entanto, este cenário não é observado nas investigações com crianças e adolescentes em situação de rua<sup>1</sup>, em que a maioria das pesquisas continua a ser de caráter descritivo e com delineamentos transversais (Silva, Oliveira, Van Petten's, & Santana, 2016).

Tal realidade decorre dos desafios inerentes à prática de pesquisa com essa população, que pode ser considerada de difícil acesso, seja no sentido geográfico, seja no sentido psicossocial (Aptekar & Stoecklin, 2013; Neiva-Silva, Morais, & Koller, 2010a). Trata-se, assim, de uma população que possui ampla circulação por bairros/locais diferentes da cidade e que alterna com grande frequência, contextos diferentes de vida, como por exemplo, residências de familiares, amigos e instituições de atendimento. Ademais, muitas vezes, os locais onde se encontram tornam-se inacessíveis, por se tratar de regiões dominadas pelo tráfego, nas quais as equipes de pesquisa não são bem-vindas. Somado a isso, como estratégia de vivência nesse contexto, a população em situação de rua demonstra resistência em colaborar em pesquisas e investigações ou conta versões socialmente esperadas sobre suas trajetórias e condições de vida (Aptekar & Stoecklin, 2013). Tais estratégias minimizam ou mesmo invalidam a veracidade das informações coletadas, a depender das técnicas e instrumentos de pesquisas utilizados. Se a pesquisa com a população em situação de rua por si só

oferece desafios, acrescer a esta tarefa as exigências inerentes à pesquisa longitudinal parece aumentar a complexidade para esse tipo de pesquisa. Talvez esse cenário justifique os poucos estudos longitudinais com a população em situação de rua que foram identificados no contexto internacional (e.g. Embleton, Lee, Gunn, Ayuku, & Braitstein, 2016; Milburn et al., 2005; Miller, Strathdee, Li, Kerr, & Wood, 2007; Seattle, Paradise, & Cauce, 2003; Sznajder-Murray, Jang, Slesnick, & Snyder, 2015); e nacional (e.g. Campos et al., 1994; Hecht, 1998; Neiva-Silva, Koller, & López, 2010), constituindo-se como uma das principais motivações para a realização da pesquisa que fundamentou as reflexões propostas neste artigo.

A pesquisa longitudinal envolve o acompanhamento do mesmo grupo de participantes por certo período de tempo, havendo repetidas coletas de informações em intervalos regulares, com base nos mesmos métodos e variáveis (Morling, 2015). Estes delineamentos são os únicos capazes de avaliar as continuidades/mudanças intraindividuais ao longo do tempo e por isso são tão valiosas para a compreensão do desenvolvimento da população em situação de rua. A retenção dos participantes nas entrevistas de acompanhamento é crucial para os estudos longitudinais, pois a perda amostral pode produzir resultados tendenciosos (Lakenau, Sanders, Hathazi, & Bloom, 2009). Estudos realizados com jovens em situação de rua fora do Brasil obtiveram taxas de retenção amostral, com *follow-up* de 12 meses, que variaram de 67,5% (Paradise & Cauce, 2003) a 83%-86% (Milburn et al., 2005). O estudo de Milburn et al. (2005) foi realizado na cidade de Los Angeles ( $n=201$ ) e Melbourne ( $n=124$ ) com adolescentes e jovens com pouco tempo de rua, com idades entre 12 e 20 anos. As entrevistas de *follow-up* foram realizadas aos três, seis e 12 meses, com taxas de retenção de 72% a 86% (83%, 88% e 83% nos EUA e 72%, 84% e 86% na Austrália). Em Los Angeles, Lankenau, Sanders, Hathazi e Bloom (2009) realizaram uma pesquisa longitudinal com duração de dois anos, com 101 jovens usuários de drogas injetáveis, especialmente ketamina, em situação de rua com idades entre 16 e 29 anos, sendo composta de cinco entrevistas de *follow-up* que ocorriam a cada três ou quatro meses aproximadamente e duas sessões de testagens que ocorriam no sexto e no décimo segundo mês. Nesta pesquisa, a taxa de retenção foi de 77,2% no *follow-up* 1, 68% no 2, 64% no 3, 58,2% no 4, e 47,9% no *follow-up* 5. No contexto brasileiro, verifica-se uma escassez de estudos longitudinais que ofereçam conclusões sobre o desenvolvimento em contexto de risco. Em um estudo sobre o uso de drogas realizado com 216 adolescentes em situação de rua, com *follow-*

<sup>1</sup> O artigo opta pelo uso do termo “em situação de rua” em oposição às antigas terminologias de “criança de rua” e de “criança na rua”. A opção pelo primeiro termo busca abarcar a heterogeneidade e singularidade das trajetórias de vida na rua dessas crianças e adolescentes, bem como enfatizar o caráter processual de vinculação com a rua (Morais, Neiva-Silva, & Koller, 2010). Além disso, entende-se que a criança estabelece relações não apenas com a rua, mas com outros contextos de desenvolvimento, como a família e as instituições de atendimento (UNICEF, 2012).

up de um ano, obteve-se uma taxa de retenção amostral de 31,5% (Neiva-Silva et al., 2010).

Como pode ser observado, as maiores perdas amostrais costumam ocorrer nos primeiros ciclos de coleta, sendo que os principais motivos para as perdas são: perda de interesse pela pesquisa, mudança de endereço, não localização dos participantes e morte (Doworsky, 2014). Somam-se a esses fatores, na pesquisa com população em situação de rua, a elevada rotatividade entre os diversos contextos de desenvolvimento e a rede de contatos muitas vezes instáveis, que caracterizam essa população, o que aumenta o grau de dificuldade no acompanhamento dos participantes.

No entanto, as dificuldades metodológicas não podem se constituir em impedimento para a realização das pesquisas e por isso, ao longo de mais duas décadas de prática de investigação com esta população, muitas estratégias metodológicas foram desenvolvidas por pesquisadores da área, objetivando aprimorar as pesquisas e ampliar a fidedignidade das respostas obtidas (Morais, Koller, & Raffaelli, 2010; Young & Barret, 2001). Este artigo tem o intuito de ser mais um contributo para o aprimoramento dessas tecnologias especificamente no que se refere à pesquisa longitudinal.

## **Apresentação da Pesquisa**

A investigação que fundamenta este artigo foi realizada em três capitais brasileiras, nomeadamente, Fortaleza, Porto Alegre e Salvador, sendo embasada na Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1979/1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 2005). A investigação teve duração aproximada de vinte e quatro meses, dividida em cinco etapas: 1) treinamento das equipes de pesquisa; 2) mapeamento das redes de atenção; 3) inserção ecológica; 4) aplicações dos instrumentos de coleta de dados (T1, T2 e T3) e acompanhamento; e, 5) sistematização de dados. Utilizou-se como principal estratégia metodológica a Inserção Ecológica (Ceconello & Koller, 2003; Koller, Moraes, & Paludo, 2016), que consiste na proposta de operacionalização da Teoria Bioecológica para o estudo do desenvolvimento humano-no-contexto. Em termos práticos, essa metodologia consiste na inserção dos pesquisadores nos contextos naturais de vida dos participantes (e.g. rua, instituição, família, etc), por períodos prolongados de tempo, visando ao estabelecimento de vínculos entre estes e os participantes e, conseqüentemente, a viabilização do processo de coleta de dados. Para maior

detalhamento acerca da aplicabilidade da Inserção Ecológica na pesquisa com crianças/adolescentes em situação de rua, ver Paludo e Koller (2004).

### **ETAPA 1 – Treinamento das equipes de pesquisa**

As equipes de Porto Alegre e Fortaleza foram formadas por estudantes de pós-graduação e graduação, e a equipe de Salvador era formada por estudantes de graduação. Cada equipe foi coordenada por um professor efetivo da Universidade, responsável por gerir o projeto em sua cidade. Todos passaram por uma formação de aproximadamente dois meses que envolveu atividades coletivas, com videoconferências com a equipe nacional e reuniões das equipes locais separadamente, a partir de um mesmo programa e cronograma de trabalho. A proposta foi preparar as equipes em termos teóricos, éticos e metodológicos para a pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua, a partir de uma formação sólida que os permitisse lidar com os desafios desta prática (Morais, Koller, & Raffaelli, 2016; Neiva-Silva, Moraes, & Koller, 2010a; Neiva-Silva, Moraes, & Koller, 2010b;). A formação envolveu, ainda, leitura de textos, exibição de vídeos (e.g. Capitães da Areia; Bilú e João) e *role playing* da aplicação dos instrumentos de coleta de dados. O conhecimento aprofundado da Teoria Bioecológica do desenvolvimento, das medidas e técnicas de coleta de dados foram enfatizados, mas principalmente as questões éticas do trabalho com a população alvo.

### **ETAPA 2 – Mapeamento das redes de atenção a crianças e adolescentes**

Em cada cidade, realizou-se a identificação de todas as instituições e serviços da rede de atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade. Esta foi feita inicialmente a partir do contato com os Conselhos Municipais e Estaduais dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA e CONDECAs), com os Ministérios Públicos, Conselhos Tutelares e com as Secretarias Municipais de Assistência Social. Além disso, a partir das visitas às instituições identificadas nessa primeira busca, novas instituições foram sendo acrescentadas no processo de pesquisa, uma vez que apesar da obrigatoriedade de registro e atualização de dados, as informações fornecidas inicialmente não estavam atuais. Nesse sentido, o mapeamento atualizado da rede de atenção se constituiu como um importante resultado de pesquisa. Como instrumento, foi utilizado um questionário, com base em investigação anterior desenvolvida pelas autoras desse estudo (e.g. Santana, 2003, Santana, Doninelli, Frosi, & Koller, 2004) para descrição das instituições, que visava a compreender a capacidade de

atendimento institucional, dinâmica de funcionamento, perfil do público atendido, entre outras questões. Além de permitir a identificação das instituições e serviços que atendiam crianças e adolescentes com o perfil da pesquisa, esta etapa serviu também para subsidiar ações futuras de encaminhamento durante as atividades de pesquisa na rua, já que para isso era necessário ter clareza sobre os objetivos das instituições e suas formas de encaminhamentos. O questionário era aplicado com o dirigente institucional ou profissional habilitado a fornecer todas as informações concernentes a aspectos organizacionais da instituição. Neste momento, era questionado o atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua, sendo este o critério principal para a inclusão da instituição como local de recrutamento de participantes.

### ETAPA 3 – Inserção ecológica

Após o mapeamento, teve início a inserção ecológica, sendo que na cidade de Fortaleza e em Porto Alegre foi realizada também a busca ativa de potenciais participantes nas ruas, em conjunto com as equipes de educadores sociais de rua. A escolha por iniciar a coleta de dados em instituições ou em parceria se justificou pela experiência de pesquisas anteriores (e.g. Morais, Koller, & Raffaelli, 2012; Neiva-Silva et al., 2010a; Santana, 2011). No presente estudo, a inserção ecológica foi realizada em Unidades de Acolhimento Institucional (UAI), Instituições Abertas e na Rua, considerando a existência de ações de intervenção direta na rua pela rede de assistência, já que estes eram os serviços que compunham a rede nas cidades participantes do estudo.

Em cada instituição ou serviço selecionado, as equipes realizaram a inserção ecológica passando aproximadamente quatro meses nessas instituições. Nesse período, os pesquisadores acompanharam a rotina das instituições e puderam se ambientar e se fazer conhecidos pelos adolescentes, participando de atividades com eles, interagindo em momentos informais, fazendo observações, entre outras atividades. A quantidade de dias e horas por semana variou a depender das características dos serviços prestados por cada instituição, sendo que, o objetivo era poder cobrir o maior espectro possível de situações e dinâmicas vivenciadas nos contextos institucionais. Nas Unidades de Acolhimento Institucionais (UAI) isso significou ir às instituições nos três turnos, nos sete dias da semana, possibilitando compreender as diferenças de rotina e interagir com os participantes em diferentes momentos do seu cotidiano. Todos esses momentos eram registrados em diários de campo. Os diários de campo têm sido utilizados nas pesquisas

qualitativas como importante estratégia de registro de dados (Morais, Borba, & Koller, 2016). De acordo com Taylor, Bogdan, e DeVault (2016), a produção das notas de campo é parte fundamental da pesquisa qualitativa. As formas, o momento e o conteúdo dos registros podem variar, assim como o tipo de análise que será feito do material produzido. No caso da pesquisa, as equipes receberam como orientação que os diários deveriam ser os mais detalhados possíveis, permitindo a identificação das crianças e adolescentes entre os membros da equipe, assim como o registro de todas as informações que pudessem auxiliar na compreensão das trajetórias de vida dos possíveis participantes do estudo. Além disso, era solicitado que fossem registrados elementos que auxiliassem no conhecimento daquilo que Bronfenbrenner (1979/1996) definiu como contexto em todos os seus níveis (micro, meso, exo e macrosistema). O microsistema refere-se ao contexto em que a pessoa em desenvolvimento experiência um conjunto de atividades, papéis e relações interpessoais face-a-face, como no caso, a rua, as instituições de atendimento e a família. O mesossistema se refere às interações dos microsistemas, sendo sua constituição modificada e/ou ampliada ao longo do desenvolvimento. O exossistema refere-se aos contextos em que a pessoa não está presente, mas cujos acontecimentos interferem diretamente sobre o curso do seu desenvolvimento. No caso dos participantes do estudo são os CMDCA's, o Ministério Público, entre outros. Por fim, o macrosistema diz respeito ao conjunto compartilhado de crenças, valores, políticas públicas e legislações que perpassam as formas de organização pessoal (Bronfenbrenner, 1979/1996; Santana & Koller, 2004). Os pesquisadores podiam, ainda, escrever impressões, sentimentos, angústias, bem como questões e dilemas éticos que eram compartilhados no momento da supervisão das equipes nas reuniões semanais ao longo da pesquisa. Os dados extraídos dos diários de campo foram utilizados para construir os estudos de casos dos participantes, ao final do estudo e é um importante modo de triangulação de dados na pesquisa qualitativa. A utilização de diários de campo também foi uma estratégia adotada na pesquisa longitudinal realizada por Lankenau et al. (2009), com jovens usuários de drogas injetáveis e tinha por objetivo eliminar participantes duplicados na pesquisa e produzir um diagrama da rede de relações dos participantes.

Ao longo da inserção ecológica, durante as conversas informais e utilizando os critérios de inclusão na pesquisa, as crianças e adolescentes eram convidados a participar do estudo. Os termos de assentimento eram lidos, mas foi facultado aos participantes assiná-lo



ou dar apenas o consentimento para sua participação verbalmente. Além disso, o Termo de Concordância Institucional já havia sido assinado pela instituição, assim como pelo Ministério Público Estadual de cada uma das cidades participantes da pesquisa.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão no estudo: crianças e adolescentes de ambos os sexos com idades entre 11 anos e 17 anos, com vivência atual de rua ou institucionalizados há menos de 12 meses (com experiência anterior de rua). Vivência na rua foi entendida como a permanência em logradouro público que envolvesse risco, por exemplo, crianças/adolescentes trabalhando nas ruas sozinhas e/ou acompanhadas por adultos; crianças/adolescentes que dormem nas ruas, que passam parte expressiva dos seus dias nesses contextos, fora da escola, envolvidas no uso/venda de substâncias psicoativas, sendo exploradas comercial ou sexualmente. Isso significa que a rua não foi entendida apenas em termos geográficos (regiões centrais da cidade e espaços longe do local de residência das crianças e adolescentes). Tal alteração da visão geográfica espacial alterou a definição de criança e adolescente em situação de rua baseada na tendência a adotar apenas a migração das periferias para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida ou fugindo de situações de violência. Nessa definição atual, e no perfil encontrado, foi possível verificar que as crianças e adolescentes tiveram também vivência de rua em suas próprias comunidades de origem ao se envolverem, por exemplo, com o tráfico de drogas. Com base nas informações obtidas nas conversas com as crianças e adolescentes, com os técnicos e profissionais que atuavam nas instituições pôde-se compor a lista de possíveis participantes, que depois foi finalizada com o convite para participação na pesquisa e com a anuência ou recusa dos mesmos em fazerem parte da pesquisa.

#### **ETAPA 4 – Coleta de dados e acompanhamento**

Esta etapa foi composta pela composição da amostra, aplicação dos instrumentos estruturados nos três momentos de coleta de dados – T1, T2 e T3 e acompanhamento dos participantes entre os momentos de coleta (*tracking*). A aplicação dos instrumentos foi realizada com intervalos mínimos de seis meses entre as coletas, sendo que caso o intervalo de tempo fosse superior a 12 meses era aplicado os instrumentos de T3 e não mais de T2. Esses instrumentos eram aplicados em um ou dois encontros, considerando a manutenção da atenção e não provocar excesso de cansaço nos participantes. Os instrumentos utilizados foram: Entrevista de Eventos de Vida, Entrevista de Status Corrente e Folha de Observação do Adolescente.

Os dois primeiros eram respondidos pelo participante e o terceiro preenchido pelo pesquisador. Utilizou-se, ainda, para a avaliação da rede de apoio social e afetiva dos participantes, o Mapa dos Cinco Campos, no T1 e T3. Para maior informação sobre a descrição dos instrumentos, ver Lima e Moraes (2016a, 2016b).

Aqueles adolescentes que aceitaram participar do estudo e responderam o conjunto de instrumentos em T1 passaram a compor a amostra da pesquisa. A partir desse momento, portanto, os participantes passaram a ser acompanhados semanalmente pelas equipes, sendo esta uma importante diferença entre os estudos longitudinais tradicionais e a estratégia adotada nesta pesquisa. Tal estratégia visava não apenas a minimizar a perda amostral, mas a coletar dados qualitativos que possibilitassem compreender a rápida dinâmica da vida dos participantes e foi mantida durante toda a pesquisa. Além disto, o *tracking* dos participantes era mantido, permitindo acompanhar sua assiduidade e presença nas atividades da instituição, afastamentos, desaparecimentos, internação em serviços de privação de liberdade, hospitais, retorno à casa, entre outros. Portanto, o *tracking* consistia no acompanhamento dos participantes entre os tempos de aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Era feito por todos os integrantes da equipe de pesquisa, através de todas as formas de contato e em todos os contextos de pesquisa. Por exemplo, eram registrados os encontros presenciais semanais, os contatos telefônicos com os adolescentes, informações dadas por familiares, colegas e/ou educadores. Cada participante tinha sua ficha em um banco de dados, no qual as informações eram registradas com a data e o nome dos pesquisadores responsáveis pelo respectivo registro.

A aplicação de T2 foi realizada com um intervalo mínimo de seis meses após a aplicação de T1, sendo que os locais de coleta variaram bastante demonstrando a dinâmica da população. A aplicação de T3 foi realizada após um intervalo mínimo de seis meses da aplicação de T2 ou após 12 meses da aplicação de T1, havendo uma retenção amostral de 62%. A variedade dos locais de aplicação dos instrumentos mais uma vez demonstrou a dinamicidade da vida nas ruas.

#### **ETAPA 5 – Sistematização de dados**

Essa etapa foi considerada significativa para a realização da pesquisa, uma vez que se trata de uma investigação longitudinal multimétodos que gerou um amplo volume de dados, oriundos de participantes e equipes de três diferentes cidades. Desde o princípio da pesquisa, a proposta foi produzir dados qualitativos e quantitativos conjuntamente. Uma estratégia adotada para a sistematização dos dados foi a construção de

fichas dos participantes, que consistiu na consolidação de todos os seus dados em um único arquivo de texto, em que todos os elementos sobre sua trajetória de vida, vínculo com a rua, com as instituições e com a família foram registrados em todos os tempos de coleta, considerando as anotações dos diários de campo, dos instrumentos estruturados e do *tracking*. Além disso, nessa ficha foram acrescentados os dados de localização dos participantes, locais de coleta e motivo para não realização das mesmas, quando não foi possível. Além da ficha dos participantes que integrava dados dos diferentes instrumentos, procedeu-se à formação de um banco de dados único no *Statistical Package for Social Science* (SPSS) com os dados quantitativos de todos os tempos de coletas (T1, T2 e T3).

As fichas dos participantes foram submetidas a sucessivas leituras, buscando construir um sistema de categorização dos participantes no que se refere aos motivos de ida para a rua, tipo e qualidade de vinculação com a família, com as instituições e com a rua. Dessa forma, teve-se uma transformação dos dados qualitativos em indicadores quantitativos, a partir da avaliação de pelo menos dois juízes (integrantes das equipes de pesquisa nas três cidades). Em seguida, os indicadores quantitativos foram digitados no banco de dados do SPSS, onde passaram a subsidiar as análises que envolviam qualquer cruzamento com as características de motivação de ida para a rua e vinculação com a rua, família e instituição. Outro importante uso das fichas dos participantes tem sido o de subsidiar a construção de estudos de casos dos participantes, a partir da análise de questões específicas (e.g. questões de gênero e sexualidade; envolvimento na exploração sexual; bem-estar subjetivo, dentre outros).

### **Estratégias para maximizar a retenção da amostra**

Assim que os participantes aceitavam responder à pesquisa, era preenchida uma ficha de *tracking* sendo solicitados os números telefônicos de contato, nomes e locais de moradias de familiares, locais frequentados pelos participantes quando em situação de rua, instituições em que os mesmos já tinham estado inseridos. Essas informações de localização eram utilizadas sempre que se identificava que o participante não estava mais frequentando a instituição do início da coleta de dados. Alguns participantes recusavam-se a fornecer esses dados, como forma de proteção às suas famílias, principalmente aqueles que saíram de suas comunidades em função de ameaças de morte e envolvimento com drogas e tráfico.

As observações semanais nos locais de coleta de dados e o contato contínuo com os participantes permitiram uma rápida identificação daqueles adolescentes que se ausentavam por mais de alguns dias e permitia a implantação de estratégias intensivas de localização dos mesmos. Algumas estratégias utilizadas para localizar os participantes incluíram: visitas aos locais frequentados pelos adolescentes informados nos momentos de coleta, como por exemplo, praias, praças e outras locais que prestaram serviços ou ficavam com os amigos quando estavam fora das instituições; visitas aos membros das famílias e de amigos identificados pelos participantes como pessoas de contato que poderiam auxiliar na localização dos mesmos; contatos com o sistema de proteção e de garantia de direitos de cada cidade (por exemplo, instituições de cumprimento de medidas socioeducativas, Ministério Público e Conselhos Tutelares); visitas às instituições que foram identificadas no período da coleta de dados e na construção do mapa da rede social e afetiva dos participantes; utilização das redes sociais para manter contato e buscar informações atualizadas sobre os participantes, já que alguns adolescentes utilizavam o *Facebook* e os pesquisadores, após criação de um perfil da pesquisa, enviavam mensagens e tentavam entrar em contato com os participantes; contato telefônico frequente, o que possibilitou a continuidade da coleta mesmo quando os adolescentes mudavam de cidade e/ou estado.

Por fim, uma estratégia considerada válida para maximizar a retenção da amostra foi a de encarregar cada membro da equipe de coleta de dados por um número específico de participantes. Em média, portanto, cada integrante da equipe responsabilizou-se pelo seguimento longitudinal de cinco adolescentes. No entanto, isso não inviabilizava que pudesse acessar outros participantes de pesquisa nos locais de coleta ou alimentar a ficha desses "outros" participantes com base nas informações a que tinha acesso no processo de pesquisa.

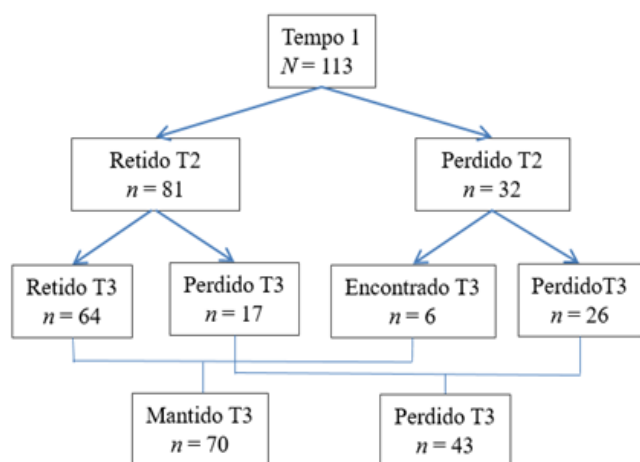
### **Descrição da amostra inicial**

A amostra previamente definida para o estudo longitudinal era de 60 adolescentes. No Tempo 1 (T1) foi incluída uma amostra maior que a prevista, antecipando uma perda amostral já esperada nos estudos com esta população. A ampliação da amostra inicial é referida na literatura como uma estratégia para a manutenção de um número mínimo de participantes em termos de amostra (Lakenau, Sanders, Hathazi, & Bloom, 2009). Apesar da idade previamente definida para a participação na pesquisa ser entre 11 e 17 anos,

dois participantes foram incluídos por possuírem todos os demais critérios de inclusão e solicitarem a participação na pesquisa. Desta forma, em T1, 113 crianças e adolescentes com idades entre 9 e 18 anos ( $M=14.2$ ,  $DP=2.41$ ) completaram o conjunto de instrumentos de T1, sendo 81% do sexo masculino. Os participantes foram recrutados em unidades de acolhimento institucional (82%), serviços abertos que oferecem atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua (14%), ou na rua (4%).

### Retenção da amostra e razões para a perda amostral

A retenção da amostra de T1 para T2 foi de 71,7% ( $n=81$ ) e 62% em T3 ( $n=70$ ). A **Figura 1** apresenta os padrões de retenção e perda amostral em cada tempo. 62 participantes (54,9%) completaram os três momentos de coleta de dados. Conforme pode ser observado na **Figura 1**, em T2 apresenta-se os dados referentes aos casos retidos (aqueles que participaram de T1 e T2) e perdidos (aqueles que participaram apenas de T1). Já em T3, são apresentados os dados dos casos retidos (responderam T1, T2 e T3) e dos casos encontrados (responderam T1 e T3). A soma dos casos retidos e encontrados refere-se ao número total de participantes em T3.



**Figura 1.** Perda e retenção amostral por momento de coleta de dados

Dos 43 participantes que foram perdidos ao longo da pesquisa, o motivo mais comum foi ausência de contato (62,8%) em função das mudanças dos números telefônicos ou perda dos aparelhos, mudança do local de moradia das famílias ou perda de contato dos adolescentes com os familiares com quem conviviam e a ausência de informações sobre os adolescentes em toda a rede de proteção. Os demais participantes não

participaram na coleta de dados por razões variadas (ver **Tabela 1**).

TABELA 1  
Motivos pela Perda em T2 e T3

	Perdido T2*	Perdido T3**	Total	%
Ausência de contato	16	11	27	62.8
Desistência de participação	2	2	4	9.3
Institucionalização	2	1	3	7.0
Responsável negou acesso	2	0	2	4.7
Ameaça ao pesquisador	2	0	2	4.7
Mudança de cidade ou estado	1	0	1	2.3
Voltou para às ruas	0	1	1	2.3
Morte	1	0	1	2.3
Razão desconhecida	0	2	2	4.7
Total	26	17	43	

\* Não inclui casos recuperados em T3; \*\* Não inclui casos perdidos em T2, somente perdas novas.

### Comparação entre os participantes que foram acompanhados nos três tempos de coleta versus participantes que foram perdidos durante o acompanhamento (follow-up)

Participantes que completaram a coleta de dados em um, dois, ou três momentos foram comparados em termos de dados sociodemográficos e em relação às variáveis psicossociais coletadas em T1 (análises de *attrition*). Não foram verificadas diferenças de gênero e cidade de coleta, mas diferenças significativas de idade ( $p<0.05$ ) entre os grupos foram encontradas. Participantes que completaram todas as coletas eram mais jovens dos que aqueles que participaram somente em T1 ( $M=13,88$  versus 15,27 anos). Este dado corrobora a ideia de que a permanência dos adolescentes no espaço institucional fica mais difícil à medida que aumentam a idade. Este é um fator que, se por um lado tem um impacto na taxa de retenção, por outro reforça a necessidade de construir novas estratégias de intervenções na rede de proteção que atenda a esta faixa etária.

Foram analisados 15 indicadores psicossociais, que incluíam medidas de funcionamento psicossocial (número de adversidade na infância, número e impacto de eventos de vida correntes, afetos positivos e negativos, satisfação de vida, escala de esperança, rede de apoio, sabedoria de rua e estratégias desviantes), saúde física e comportamental (sintomas físicos, total de tipos de drogas lícitas e ilícitas, total de tipos de drogas ilícitas, indicador de comportamento sexual de risco e índice de suicídio, que incluía pensamento e comportamento). Diferenças significativas entre os

grupos ( $p < 0,05$ ) foram encontradas em apenas dois dos 15 indicadores psicossociais analisados. Participantes que completaram todas as coletas relataram um número menor de eventos de vida corrente ( $M=8,49$ ) comparados a jovens que completaram duas coletas ( $M=11,35$ ), e um nível elevado de afeto positivo ( $M=3,55$ ) comparados aos que completaram apenas uma coleta ( $M=3,06$ ).

## Desafios para a retenção amostral

As três cidades apresentaram variados desafios para a retenção amostral. Esses incluem fatores institucionais, características dos participantes e alguns riscos aos pesquisadores.

### Fatores institucionais

Verificou-se uma fragmentação da rede de atendimento a crianças e adolescentes, como por exemplo, ausência de integração entre as instituições e serviços, que não possuíam informações suficientes acerca dos adolescentes atendidos. Este é um aspecto que precisa ser ressaltado, pois não se trata de uma lacuna que dificulta apenas a pesquisa, mas a implementação da efetivação do sistema de garantia de direitos. Em muitos momentos, as crianças e os adolescentes ficam ainda mais fragilizados pela incapacidade do sistema em gerenciar as informações sobre eles. O mesmo foi observado em relação à falta de recursos e estrutura física e material nos Conselhos Tutelares para garantir o acompanhamento dos adolescentes.

Outra lacuna no sistema refere-se à transição para a vida adulta. Ao alcançar a maioridade, os adolescentes não podem mais frequentar alguns serviços e os contatos não estão disponíveis nas instituições pelas quais passaram. Por fim, em Salvador as instituições de privação de liberdade não permitiram o acesso dos pesquisadores, o que também inviabilizou, em alguns casos, o prosseguimento do acompanhamento. Esta dificuldade não foi verificada em Fortaleza e Porto Alegre, em que os pesquisadores tiveram acesso aos participantes, mesmo quando em cumprimento de medidas sócio educativas de privação de liberdade. Trata-se de diferenças nas parcerias e acordos institucionais que se tornam possíveis e que têm impactos no processo de pesquisa.

### Características dos participantes

Apesar de previstas, em alguns casos, as próprias características da população em situação de rua foram os fatores que determinaram a impossibilidade de prosseguimento da coleta de dados. Ou dito de outra maneira, as estratégias planejadas não foram suficientes

para contornar os desafios impostos por algumas das situações acompanhadas. A elevada mobilidade dos participantes, somada aos casos de ameaça de morte que fazia com que houvesse a saída intempestiva dos mesmos para outras cidades, sem fornecimento de dados de contato e a ausência de informações para contato. As ameaças eram em geral decorrentes de envolvimento com o tráfico de drogas. A elevada variabilidade das condições de vida dos participantes também gerava mudanças constantes das formas de contato. Por exemplo, os números de telefones celulares eram trocados com alta frequência. Nesse sentido, em alguns casos, mesmo o intervalo de uma semana entre os encontros, era muito longo para a instabilidade que marcava suas trajetórias de vidas e rotinas (ou ausências delas).

### Ameaças para os pesquisadores

O vínculo construído entre os participantes e os pesquisadores permitiu que o contato entre ambos fosse seguro e próximo. No entanto, nem sempre o acesso aos participantes se deu de forma segura no processo de acompanhamento, em função da necessidade de buscá-lo em diferentes contextos de desenvolvimento e por meio de diferentes formas de contatos. Alguns locais apresentavam risco aos pesquisadores, principalmente se estavam desacompanhados dos adolescentes. Outras vezes, o envolvimento de adolescentes com o tráfico de drogas fez com que houvesse ameaças diretas aos pesquisadores para que esses interrompessem o contato com os participantes. E, ainda, a existência de “toque de recolher” do tráfico em algumas comunidades em que os adolescentes moravam, impediu a entrada dos pesquisadores. O “toque de recolher” se caracteriza pela proibição de que as pessoas permaneçam na rua depois de determinada hora. Pode ser utilizada pelo governo ou pelas autoridades policiais, mas tem sido adotada em comunidades periféricas pelo tráfico de drogas (Brasil, Garcia, & Tavares, 2016).

## Conclusões e lições aprendidas com a pesquisa

Este estudo demonstra a viabilidade de conduzir pesquisas longitudinais com crianças e adolescentes em situação de rua. Com um planejamento cuidadoso e a implementação de um protocolo de acompanhamento intensivo (*tracking*) foi possível alcançar os objetivos de recrutamento, uma vez que mais da metade da amostra participou dos três tempos de coleta de dados. Conforme ilustra a frase de uma participante, após ser entrevistada a primeira vez em uma instituição, a segunda vez na rua e a terceira vez em seu



local de moradia: “*Vocês me encontram em qualquer lugar!*”

As taxas de retenção dos participantes foram compatíveis com as encontradas nos estudos nos Estados Unidos e Canadá. Conforme referido anteriormente, as taxas de retenção amostral, com *follow-up* de 12 meses, variaram de 67,5% (Paradise & Cauce, 2003) a 83%-86% (Milburn et al., 2005). Na presente pesquisa as taxas de retenção amostral foram de 72% (T2) e 62% (T3).

Uma fase fundamental da entrevista inicial foi o preenchimento da ficha do acompanhamento ou *tracking*, devendo ser reservados no mínimo quinze minutos para serem questionadas informações como apelidos utilizados na rua, locais e ruas mais frequentadas pelos participantes, além da presença de cicatrizes e/ou tatuagens que permitam a identificação do participante. Além disso, conforme sugerem Wright, Allen e Devine (1995), podem ser feitos cartões de identidade com as fotos dos participantes como forma de facilitar a busca ativa no momento do acompanhamento. No caso da presente pesquisa, essa estratégia não seria possível em função da proteção das crianças e dos adolescentes envolvidos, que muitas vezes estavam ameaçados de morte e possuíam identidades alteradas para preservar suas vidas. Porém, considera-se que ter uma fotografia para ser utilizada exclusivamente entre os membros da equipe poderia ter sido uma excelente estratégia para evitar repetições e facilitar a busca ativa, principalmente no momento de troca de pesquisadores que pode ocorrer em estudos longitudinais. Dessa forma, não haveria a exposição do participante em momentos de busca, já que a fotografia não seria utilizada para outros fins que não de identificação interna, mas possibilitaria que a equipe de pesquisa pudesse ter essa informação.

Outra estratégia utilizada no caso dos participantes se recusarem a oferecer informações pessoais refere-se a coletar dados apenas da localização dos participantes, número de telefone, *e-mail*, nome da rua, sem exigência de serem coletadas “informações verdadeiras” de identificação na primeira entrevista. Além disso, podem ser fornecidas formas de contato dos participantes com os pesquisadores, como no caso sugerido por Lankenau et al. (2009), que propôs a distribuição de cartões com números de telefones gratuitos e que permitiam contato direto com os pesquisadores.

Algumas diferenças cruciais entre os contextos e as características das pesquisas no Brasil em comparação a outros países, como Estados Unidos e Canadá, podem modificar as características da pesquisa longitudinal. O primeiro aspecto refere-se à atribuição de recompensa financeira ou incentivo não financeiro, mas material,

fornecidos aos participantes para responderem aos instrumentos. Em geral, os estudos fazem referência ao pagamento de dez a vinte dólares por entrevista, além de incentivos adicionais, por cada ligação dada pelo participante ao grupo de pesquisa. Wright, Allen, e Devine (1995) descreveram detalhadamente o sistema de premiação e incentivo que utilizaram para cada contato mensal que os participantes deveriam fazer para o grupo de pesquisa, fazendo sorteios mensais que aumentavam a chance de recebimento de um bônus maior. Lankenau et al. (2009) também fizeram referência aos incentivos monetários pagos pelos contatos telefônicos e pelas entrevistas, indicando que para a aplicação dos instrumentos que tem uma duração de aproximadamente quatro horas era fornecida uma remuneração de \$50 dólares na primeira entrevista e \$75 dólares na segunda. Além disso, as pesquisas fizeram referência a uma estrutura física que abrigava a pesquisa e que permitia o acesso dos participantes, assim como o contato dos mesmos através de telefonemas e *emails*.

Em relação à remuneração, a Resolução nº196/1996 do Conselho Nacional de Saúde sobre as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos no Brasil, vigente no momento de realização da pesquisa, não fazia referência a nenhum tipo de ressarcimento, enfatizando apenas o caráter voluntário da participação. Já a Resolução nº 466/2012 prevê que a participação seja voluntária, sendo possível apenas o ressarcimento em termos de transporte e alimentação para a participação na pesquisa. Na mesma direção se encaminha a Resolução nº 510 de 2016, que trata da Pesquisa com Seres Humanos nas Ciências Humanas e Sociais no Brasil. No entanto, quando se investiga populações em condições tão vulneráveis como a população em situação de rua, muitas vezes, a oferta de uma necessidade tão básica tira o caráter voluntário da participação, como já discutido por Koller, Raffaelli, e Carlo (2012). Por outro lado, foi dado maior valor aos benefícios imateriais que devem ser parte da pesquisa com essa população, como por exemplo, a escuta ativa e empática, o fornecimento de informações para acesso à rede de garantia de direitos e outros serviços, aspectos que foram privilegiados na presente pesquisa.

Além disso, na pesquisa longitudinal, deve ser enfatizada a contribuição dos participantes, que ao revelarem aspectos de suas trajetórias de vida estão contribuindo para a construção de algo melhor para a vida de pessoas que estão nas mesmas condições em que eles (Lankenau et al. 2009). No caso da pesquisa era destacada a existência de pesquisadores em três cidades diferentes querendo saber sobre a realidade dos adolescentes em situação de rua nos diversos contextos

e a importância disso no aprimoramento das políticas de atenção aos adolescentes. Além da indicação de serviços e instituições da rede de proteção, assim como de suporte e a escuta qualificada.

Outro aspecto a ser destacado refere-se ao local e recrutamento dos participantes. Para a efetiva realização de um acompanhamento da população em situação de rua é fundamental o conhecimento da rede de proteção do local de realização da investigação. Esta é composta formalmente pelos Conselhos de Direitos, Conselhos Tutelares, Ministério Público, Defensoria Pública, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS), além das instituições de educação e saúde. Soma-se a isto, as instituições não governamentais que atuam fortemente com esse público e desempenham papel crucial em algumas localidades na luta pelos direitos desta população. Este conhecimento é essencial para o acompanhamento dos participantes e significa que cada pesquisa terá uma configuração que se adequará ao seu público, em função das especificidades do contexto em que for realizada. É parte importante para a realização da pesquisa, que sempre que necessário sejam feitos os encaminhamentos adequados, garantindo a proteção e os direitos dos participantes, e permitindo aos pesquisadores exercerem suas atividades de forma ética.

A análise sobre a perda amostral baseia-se no fato de que, em muitos casos, esta se deu em função de situações e condições que fugiam completamente ao controle dos pesquisadores, como por exemplo, mudanças dos participantes para locais que colocavam em risco a continuação da coleta, impossibilidade de continuidade do contato em função da internação dos participantes em instituições de privação de liberdade. Contudo, o registro dos motivos de perda também permitiu a identificação de maneiras de aprimorar a retenção amostral em pesquisas futuras. Por exemplo, na cidade de Salvador, decidiu-se por

fazer um *follow-up* dos participantes do estudo no sentido de compreender a transição para a vida adulta e uma das primeiras providências foi a compra de dois aparelhos de telefones celulares, com *chips* de todas as operadoras de telefonia do país para a equipe da pesquisa e os números foram fornecidos para todos os participantes. Dessa forma, foi solicitado que estes ligassem ou mandassem mensagem para a equipe, a cobrar, para informarem os seus números novos, caso mudassem.

As razões para a perda amostral e análises de *attrition* representam importantes informações a serem garantidas e analisadas nesse tipo de estudo, uma vez que além de fornecerem dados sobre os participantes e sobre suas trajetórias de vida, possibilitam também compreender o funcionamento da rede de atendimento e de proteção a crianças e adolescentes nos contextos de coleta. Com esse artigo, buscou-se demonstrar a viabilidade da pesquisa longitudinal com populações de difícil acesso, a partir de um planejamento que considere as especificidades do contexto e da população a ser pesquisada. Além disso, as estratégias apresentadas são sugestões que podem ser adotadas para ampliar a retenção amostral e garantir a efetividade das pesquisas.

Conclui-se que, a pesquisa longitudinal com pessoas de difícil acesso, como àquelas em situação de rua, envolve planejamento e algumas adaptações aos métodos e estratégias de coleta são cruciais para o sucesso. Tais pesquisas são possíveis e podem manter seu rigor metodológico e ético, mas exigem criatividade, flexibilidade e táticas adaptadas para cada população em particular. Os pesquisadores devem antecipar desafios inesperados no curso da coleta de dados que podem exigir mudanças nas estratégias de adesão e retenção (Lakenau et al., 2009). Conforme afirmam Claridge et al. (1977, em Wright, Allen, & Devine, 1995, p. 268) “encontrar pessoas é mais uma arte do que uma ciência”.

## Referências

- Aptekar, L. & Stoecklin, D. (2013). Research with children in street situations. In L. Aptekar & D. Stoecklin (Eds.). *Street children and homeless youth: A cross-cultural perspective* (pp. 121-162). London: Springer.
- Brasil, V. P., Garcia, N. M., & Tavares, E. M. (2016). Olhar ecológico e percepções dos jovens sobre lugar, fatores de risco e proteção social. *Série-Estudos*, 21(42), 147-165. <https://doi.org/10.20435/2318-1982>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. [Originalmente publicado em 1979]. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (Vol. 1, pp. 993-1028). New York: Wiley.

- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00114>
- Bronfenbrenner, U. (2005). The bioecological theory of human development. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human beings humans* (pp. 3-15). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Campos, R., Raffaelli, M., Ude, W., Greco, M., Ruff, A., Rolf, J., Antunes, C. M., Halsey, N., & Greco, D. (1994). Social networks and daily activities of street youth in Belo Horizonte, Brazil. *Child Development*, 65, 319-330. <https://doi.org/10.2307/1131386>
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2003). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 515-524. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300010>
- Colin, R. (1993). *Real world research: a resource for social sciences and practitioner-researcher*. Oxford: Blackwell.
- Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos* [Internet]. Brasília, 2008.
- Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, 2012.
- Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais*. Brasília, 2016.
- Dworsky, A. (2014). Children as self-informants in longitudinal studies: Substantive findings and methodological issues. In: G. B. Melton, A. Ben-Arieh, J. Cashmore, G. S. Goodman & N. K. Worley (Eds.). *The SAGE Handbook of Child Research* (pp. 391-431). London: Sage. <https://doi.org/10.4135/9781446294758>
- Embleton, L., Lee, H., Gunn, J., Ayuku, D., & Braitstein, P. (2016) Causes of child and youth homelessness in developed and developing countries. A Systematic Review and Meta-analysis. *JAMA Pediatric*, 170(5), 435-444. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2016.0156>
- Hecht, T. (1998). *At home in the street: Street children of Northeast Brazil*. New York: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511527593>
- Lankenau, S. E., Sanders, B., Hathazi, D., & Bloom, J. J. (2009). Recruiting and retaining mobile young injection drug users in a longitudinal study. *Substance use & misuse*, 45(5), 684-699. <https://doi.org/10.3109/10826081003594914>
- Koller, S. H., Morais, N. A., & Paludo, S. S. (2016). *Inserção Ecológica: Um método de estudo em desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Koller, S. H., Raffaelli, M., & Carlo, G. (2012). Conducting research about sensitive subjects: The case of homeless youth. *Universitas Psychologica*, 11, 11-65.
- Magnusson, D. & Cairns, R. B. (2009). Developmental science: Toward a unified framework. In R. B. Cairns, G. H. Elder, Jr., & J. E. Costello (Eds.). *Developmental science* (pp. 7-30). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Milburn, N., Rotheram-Borus, M. J., Batterham, P., Brumback, B., Rosenthal, D., & Mallett, S. (2005). Predictors of close family relationships over one year among homeless young people. *Journal of Adolescence*, 28(2), 263-275. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.02.006>
- Miller, C. L., Strathdee, S. A., Li, K., Kerr, T., & Wood, E. (2007). A longitudinal investigation into excess risk for blood-borne infection among young injection drug users (IUDs). *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 33, 527-536. <https://doi.org/10.1080/00952990701407397>
- Morling, B. (2015). *Research methods in Psychology: Evaluation a world of information*. New York: W.W. Norton & Company, Inc.
- Morais, C. A., Borba, A., & Koller, S. H. (2016). O uso do diário de campo no processo de inserção ecológica. In S. H. Koller, N. A. Morais, & S. S. Paludo (Orgs.). *Inserção ecológica: Um método de estudo em desenvolvimento humano* (pp. 299-319). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2010). Crianças e adolescentes em situação de rua: história, caracterização e modo de vida. In N. A. Morais, L. Neiva-Silva, & S.H. Koller (Orgs.). *Endereço desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 35-61). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morais, N. A., Koller, S. H., & Raffaelli, M. (2010). Eventos estressores e indicadores de ajustamento entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil. *Universitas Psychologica*, 9(3), 787-806. doi: 10.11144/474
- Morais, N. A., Koller, S. H., & Raffaelli, M. (2012). Rede de apoio, eventos estressores e mau ajustamento na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Universitas Psychologica*, 11(3), 779-791. doi: 10.11144/779
- Morais, N. A., Koller, S. H., & Raffaelli, M. (2016). Inserção Ecológica na pesquisa sobre trajetórias de vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade social: Identificando fatores de risco e proteção. In S. H. Koller, N. A. Morais, & S. S. Paludo (Orgs.). *Inserção Ecológica: Um método de estudo em desenvolvimento humano* (pp. 67-93). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Neiva-Silva, L. Morais, N. A., & Koller, S. H. (2010a). Aspectos metodológicos nas pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua. In N. A. Morais, L. Neiva-Silva, & S. H. Koller (Orgs.). *Endereço desconhecido: Crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 103-144). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Neiva-Silva, L. Morais, N. A., & Koller, S. H. (2010b). Princípios éticos nas pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua. In N. A. Morais., L. Neiva-Silva, & S. H. Koller (Orgs.). *Endereço desconhecido: Crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 145-173). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paludo, S. S. & Koller, S. H. (2004). Inserção Ecológica no Espaço da Rua. In: S. H. Koller (Org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisas e intervenção no Brasil* (pp. 219-244). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paradise, M. J. & Cauce, A. M. (2003). Substance use and delinquency during adolescence: A prospective look at an at-risk sample. *Substance use & misuse*, 38(3-6), 701-723. <https://doi.org/10.1081/JA-120017390>
- Rizzini, I. Caldeira, P., Ribeiro, R., & Carvano, L. M. (2010). *Crianças e adolescentes com direitos violados: Situação de rua e indicadores de vulnerabilidade no Brasil urbano*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: CIESPI.
- Santana, J. P., Doninelli, T. M., Frosi, R. V., & Koller, S. H. (2004). Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, 16, n. 2, 59-70. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200008>
- Santana, J. P. (2011). Trajetórias de vida de meninas em situação de rua: o relato de uma investigação participativa. *Poiésis –Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, 4(8), 271-293. <https://doi.org/10.19177/prppge.v4e82011271-293>
- Silva, A. B., Oliveira, L. V., Van Petten's, A. S., & Santana, J. P. (2016, outubro). Revisão de literatura de 20 anos sobre o tema de crianças e adolescentes em situação de rua. Pôster apresentado na 46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Fortaleza, Ceará.
- Sznajder-Murray, B., Jang, J. B., Slesnick, N., & Snyder, A. (2015). Longitudinal predictors of homelessness: Findings from the National Longitudinal Survey of Youth-97. *Journal of Youth Studies*, 18(8), 1015-1034. <https://doi.org/10.1080/13676261.2015.1020930>
- Taylor, S. J., Bogdan, R., & DeVault, M. L. (2016). *Introduction to qualitative research methods: A guidebook and resource*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- UNICEF. (2012). *Protection and promotion of the rights of children working and/or living on the street*. New York: United Nations.
- UNICEF. (2015). *Strength in numbers: How longitudinal research can support child development*. Florence: UNICEF Office of Research-Innocenti.
- Wolke, D., Waylen, A., Samara, M., Steer, C., Goodman, R., Ford, T., & Lambers, K. (2009). Selective drop-out in longitudinal studies and non-biased prediction of behavior disorders. *The British Journal of Psychiatry*, 195(1), 249-256. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.108.053751>
- Wright, J. D., Allen, T. L., & Devine, J. A. (1995). Tracking non-traditional populations in longitudinal studies. *Evaluation and Program Planning*, 18(3), 267-277. [https://doi.org/10.1016/S0149-7189\(95\)00020-8](https://doi.org/10.1016/S0149-7189(95)00020-8)
- Young, L., & Barret, H. (2001). Issues of access and identity: Adapting research methods with Kampala street children. *Childhood: A Global Journal of Child Research*, 8(3), 383-395. <https://doi.org/10.1177/0907568201008003005>

**Dados dos autores:**

Juliana Prates Santana – Doutora, Universidade Federal da Bahia.  
Marcela Raffaelli – PhD, University of Illinois at Urbana-Champaign.  
Sílvia Helena Koller – Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Normanda Araújo de Morais – Doutora, Universidade de Fortaleza.

**Endereço para correspondência:**

Juliana Prates Santana  
Instituto de Psicologia  
Rua Aristides Novis, 197, Estrada de São Lázaro – Federação  
40210-300 – Salvador, BA, Brasil  
<[julianapsantana@gmail.com](mailto:julianapsantana@gmail.com)>

Recebido em: 18.11.2016

Aceito em: 31.05.2017